

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

SANDRA RÚBIA BATISTA PLÁCIDO

DIVERSIDADE NA SALA DE AULA DE EJA

**CAMPINAS
2009**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

SANDRA RÚBIA BATISTA PLÁCIDO

DIVERSIDADE NA SALA DE AULA DE EJA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para o
Curso de Especialização em Educação de
Jovens e Adultos da Faculdade de Educação-
UNICAMP sob orientação do(a) Prof.(a)
Dr(a). Silmara de Campos

Aluno: Sandra Rúbia Batista Plácido

Data:

Assinatura: _____

Orientadora

2009

© by Sandra Rúbia Batista Plácido, 2009.

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

P69p Plácido, Sandra Rúbia Batista
Diversidade cultural na sala de aula de EJA / Sandra Rúbia Batista Plácido. –
Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Silmara Campos.
Trabalho de conclusão de curso (especialização em Educação de Jovens e
Adultos) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Diversidade. 3. Cultura. 4. Cotidiano.
I. Campos, Silmara. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

09-323-BFE

AGRADECIMENTOS

A Deus, por essa força inexplicável que faz com que os seres humanos acreditem em seus sonhos e superem os obstáculos da vida.

À minha mãe, in memóriam, que sempre me apoiou e me ajudou a concretizar esse sonho.

A esses educadores dedicados, que almejam um mundo sem exclusão.

Podemos amar, viver e ser felizes com as diferenças, pois, nelas, encontraremos nossas semelhanças históricas e ancestrais: é, dessa maneira, a nossa forma de dizer ao mundo que as diferenças nunca diminuem, e sim, só somam valores e multiplicam os gestos de fraternidade paz entre os homens. (autor desconhecido).

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo fazer uma investigação sobre a diversidade cultural na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA), identificar as causas das dificuldades que os professores encontram em atender as diferentes expectativas dos educandos, bem como, as possibilidades existentes em atender essas expectativas e despertar o interesse dos alunos diante dessa diversidade. Procurei aprofundar-me mais sobre a diversidade cultural, através de alguns autores como Paulo Freire e Stuart Hall, para entender melhor o educando da EJA, na sua relação educando x educando, educando x educador, e, assim, contribuir para a sua transformação, valorizando sua cultura e suas experiências, promovendo o conhecimento e o respeito do eu e do outro. Essa pesquisa foi realizada através da observação, onde pude perceber que a riqueza da diversidade é fundamental para a prática educativa, contribuindo para a realização de uma educação libertadora.

Palavras-chaves: Educação de Jovens e Adultos. Diversidade. Cultura. Cotidiano.

SIGLAS E ABREVIATURAS

EJA | Educação de Jovens e Adultos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Capítulo 1 - DIVERSIDADE CULTURAL NA SALA DE AULA	10
Capítulo 2 - DIVERSIDADE CULTURAL NA SALA DE AULA: DÉSPERTANDO O INTERESSE DOS ALUNOS	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
BIBLIOGRAFIA	21

INTRODUÇÃO

Debater a diversidade na sala de aula da EJA é desafiante porque ao longo dos anos em que trabalho com a EJA, tenho observado, nas reuniões de escola, nas conversas informais com os professores e no curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA), que um dos fatores que inquieta o professor é o fato de conciliar essa diversidade com o interesse dos alunos nas aulas.

Então, selecionei dois temas para serem abordados na sequência. Em um deles procurei entender o que é diversidade cultural e no outro, como despertar o interesse do aluno diante dessa diversidade na sala de aula.

A diversidade em questão, que na sua pluralidade é composta de valores, conhecimentos, atitudes, linguagens e diferentes saberes, tem levado os educadores a pesquisar sobre práticas educativas adequadas à realidade cultural, o nível de conhecimento e o seu significado para o aluno.

O convívio com as diferenças culturais contribui para o enriquecimento dos indivíduos envolvidos, educador e educando. Por isso, busco uma proposta de trabalho transformadora, cujos conteúdos estão relacionados com situações do cotidiano do educando, abordando assuntos de seu interesse.

Encontramos na Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, (1997) a compreensão desta problemática, quando o autor afirma que um dos saberes necessários à prática educativa é que:

ensinar exige apreensão da realidade [...] a capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas (p. 76).

Ezpeleta e Rockwell (1989. p. 13) apresentam uma versão, relacionada à escola onde há a existência não documentada da escola, através da qual, esta, toma forma material e ganha vida.

nesta história não documentada, nesta dimensão cotidiana, os trabalhadores, os alunos e os pais se apropriam dos subsídios e das prescrições e constroem a escola.

Quando os alunos chegam às escolas, eles trazem consigo uma visão já formada de escola. Isso ocorre na forma de tratar o professor, no seu comportamento em sala de aula, nas

estratégias de aprendizagem e ensino, valorizando apenas o uso da lousa e do caderno, muitas vezes resistindo a qualquer outro recurso que venha a ser apresentado.

Para Ezpeleta e Rockwell (1989),

a escola tem uma história documentada, geralmente escrita à partir do poder estatal, a qual destaca sua existência homogênea. Nesta interpretação a escola é difusora de um sistema de valores universais ou dominantes que transmite sem modificação. Na versão positivista, a escola, além de conseguir a inculcação de valores e normas comuns à sociedade, consegue também a realização dos direitos civis e de justiça social (p. 12).

Esse é um dos mecanismos que todas as escolas têm para homogeneizar, utilizando dos recursos oficiais, como normas, prescrições e regulamentações, ou seja, controlando e reproduzindo uma ideologia e a produção de relações sociais determinadas, ou seja, manutenção do controle, a reprodução da ideologia dominante e das relações sociais de produção.

A escola é a principal instituição na formação de ideologia de uma sociedade, é esse sistema que está ainda embutido na nossa identidade (educando e educador), gerando assim alguns conflitos. Para Stuart Hall (2006. p. 49),

as diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de “teto político” do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas. A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais como, por exemplo, um sistema educacional nacional.

Ainda em Stuart Hall (2006. p.51):

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades

É preciso que haja o resgate da identidade dos alunos, através do respeito às suas origens e da valorização da diversidade cultural, fazendo com que eles se percebam como seres participantes de uma sociedade.

Freire (1997) afirma isso quando diz que:

Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural; que uma das tarefas mais importantes da prática educativo- crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz

de amar. Assumir-se como sujeitos porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. (p.46)

De acordo com Heller (2008. p.31),

a vida cotidiana é a vida do homem inteiro, ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias.

No primeiro capítulo, debati o tema diversidade cultural, para entender melhor sobre o que é diversidade cultural e relacioná-la no espaço/tempo, contextualizando-a historicamente, para em seguida, falar sobre a caracterização da clientela da EJA.

No segundo capítulo, debati o interesse do aluno diante da diversidade na sala de aula de EJA, identificando as causas das dificuldades encontradas pelos professores e como atender às expectativas desses alunos.

CAPÍTULO 1

DIVERSIDADE CULTURAL NA SALA DE AULA

A diversidade cultural engloba as diferenças culturais que existem entre as pessoas, como a linguagem, dança, vestimenta e tradições, bem como a forma como as sociedades se organizam, conforme a sua concepção de moral e de religião, a forma como eles interagem com o ambiente etc.

O termo diversidade diz respeito à variedade e convivências de idéias, características ou elementos diferentes entre si, em determinado assunto, situação ou ambiente. Está ligada aos conceitos de pluralidade, multiplicidade, diferentes ângulos de visão ou de abordagem, heterogeneidade e variedade. E muitas vezes, também, pode ser encontrada na comunhão dos contrários, na intersecção das diferenças, ou ainda, na tolerância mútua.

Vimos no Dicionário Paulo Freire, (2008. p. 133) que:

A concepção de diferença no pensamento de Paulo Freire ultrapassa os limites do que chamamos de categoria ou conceito, tornando-se, porque vinculado à práxis, um marcador operacional de comunicabilidade e de reciprocidade na medida em que decorre da sua compreensão de homem, da identidade humana como “um ser de relações num mundo de relações.

Cultura é um termo com várias acepções em diferentes níveis de profundidade e diferente especificidade. São práticas e ações sociais que seguem um padrão determinado no espaço/tempo. Refere-se a crenças, comportamentos, valores, instituições, regras morais que permeiam e “preenchem” a sociedade. Para Freire (2008, p. 106), “cultura é a atividade humana de trabalho que transforma, produzido por diferentes movimentos e grupos culturais constituidores do povo”.

Hall (2006. p. 91), nos diz que:

Algumas pessoas argumentam que o “hibridismo” e o sincretismo – a fusão entre diferentes tradições culturais – são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais apropriadas à modernidade tardia que as velhas e contestadas identidades do passado.

Há estudos que dizem que a diversidade cultural pode ser vital para a sobrevivência a longo prazo da humanidade na Terra, pois representa uma característica evolutiva que é fundamental para o nosso sucesso como uma espécie.

Neste ponto, acredita-se que a conservação de sociedades menos desenvolvidas, seria prejudicial para os indivíduos dentro dessas sociedades, pois seria negar-lhes os benefícios de

avanços tecnológicos e médicos desfrutados pelos indivíduos do mundo desenvolvido, em que se deixe de valorizar sua cultura original.

À luz do olhar sobre a diversidade cultural, é que vejo na diversidade da sala de aula as dificuldades encontradas pelos educadores, em atender aos interesses e necessidades dos educandos, que trazem consigo valores, conhecimentos, atitudes, linguagens, diferentes saberes. São interesses que variam de acordo com a idade, origem do educando, sexo, religião, ambiente onde vivem etc.

De acordo com Hall (2006. p. 11):

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura – dos mundos que ele/ela habitava.

São alunos cuja faixa etária varia entre 14 e 80 anos, intensificando assim, as diferenças de valores. Valores esses, concebidos muitas vezes através da religião, de uma educação mais rígida ou mesmo do respeito às tradições sociais, que ainda sobrevivem no espaço/tempo, em contradição com o mundo moderno, fazendo com que os mais jovens, internalizem pouco ou quase nenhum valor.

Para Hall (2006. p. 13), essa concepção de sujeito é definida

historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas

Esses alunos têm origem nas várias regiões do Brasil. São em sua maioria do sexo feminino e que também, em sua maioria, exercem uma função remunerada, formal ou informal.

Quanto ao estado civil, alguns são casados ou moram juntos, outros são separados, viúvos e solteiros.

Essa questão (de morarem juntos, sem serem casados), para alguns ainda soa como constrangimento, pois quando perguntado o estado civil, eles respondem em voz baixa. Isso mostra o poder que a religião ainda exerce em alguns, quanto a transmissão de valores, mesmo vivendo numa sociedade pós- moderna.

De acordo com Hall (2006. p.12):

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.

Ao discutir a diversidade cultural, referendada pelas contribuições teóricas de Paulo Freire e Stuart Hall, observo que essa diversidade, carregada de valores, conhecimentos e saberes, se trabalhados de forma a que todos, ao se reconhecerem social e culturalmente num tempo e espaço determinados, são capazes de reconhecerem outras culturas, valorizando-as e respeitando-as. Esta é uma possibilidade para que esses sujeitos se transformem e compreendam a complexa vida social em que se inserem.

CAPÍTULO 2

A DIVERSIDADE CULTURAL NA SALA DE AULA: DESPERTANDO O INTERESSE DE ALUNOS

Quais as dificuldades encontradas pelos professores na sala de aula?

Como atender as expectativas dos alunos?

Como abordamos no capítulo anterior, a diversidade cultural é fundamental para o desenvolvimento e a evolução humana. Essa diversidade, que se resume em heterogeneidade, se exprime no nosso cotidiano.

De acordo com Heller (2008. p. 32):

A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação.

A EJA chama a nossa atenção pela peculiaridade, pois atende cidadãos que não tiveram possibilidade de completar seu processo regular de escolarização. Em sua maioria, são adultos inseridos no mundo do trabalho e têm constituído diferentes saberes, por esforço próprio em resposta as necessidades da vida.

Mas há também os jovens que são excluídos do ensino regular, sob a desculpa de que estão fora da idade escolar regular para eles e que se adaptam melhor na EJA, onde acabam ingressando.

Muitos desses educandos quando entram na EJA, sentem-se constrangidos, pois estão diante de um grupo bem diferente do seu e como eles estão situados num determinado tempo da vida, possuindo assim, suas especificidades.

Quando o grupo de adultos é maioria numa sala de aula, acaba impondo a esse jovem colega algumas regras (seu modo de pensar a escola, tipo de comportamento que deve ter etc) das quais ele não teve no ensino regular, o que pode contribuir para que esse aluno evada. Devo acrescentar, porém, que o contrário também acontece, pois se numa sala de aula o número de jovens predominar, tendo em vista que estes, tem a necessidade de se expor, questionar, desafiar, na relação educando x educador, o que foge às características do adulto, este aluno adulto também pode se evadir, confundindo essa relação com bagunça, falta de respeito para com o professor.

Encontramos no Dicionário Paulo Freire, (2008. p. 411), a seguinte abordagem:

A tolerância com o diferente, respeito à experiência e à liberdade do outro, possibilidade da convivência atenta e curiosa entre identidades culturais diversas, condição necessária para o estabelecimento de relações dialógicas.

O convívio com as diferenças cultural, de gênero, etária etc, colabora para o enriquecimento dos envolvidos, sejam eles educandos x educandos, educandos x educadores, pois, é também nessa relação de conflito que surge o diálogo, força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo, em construção, estando em permanente transformação. Esse convívio deve ser uma relação de aprendizagem, de respeito às coletividades e individualidades.

Vimos ainda que no Dicionário Paulo Freire (2008. p. 132) afirma-se que:

A diferença em Freire, por estar vinculada à práxis humanista, constitui-se como motor da curiosidade que mobiliza e nutre o ato de conhecer exigindo a humildade e o compromisso com a palavra, pois dizer a sua palavra não é privilégio de alguns, mas um direito de todos os homens.

Discutindo ainda sobre a diferença, há também no Dicionário Paulo Freire, (2008. p. 136) que:

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Sem a escuta não há diálogo, há monólogo: e este é terreno fértil para a imposição de valores, a invasão cultural e a dominação.

Para uma boa convivência na sala de aula, é preciso que haja uma tolerância mútua, compreender que ali é o lugar onde são respeitadas e aceitas as diferenças e entender também que aquele espaço pertence a todos, ao grupo como um todo.

E para entender melhor essa relação de pertencimento, Roger Scruton, em *A identidade cultural na pós – modernidade* (2006, p. 48), afirma que:

A condição de homem (sic) exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo - como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar.

As identidades culturais estão relacionadas aos pertencimentos étnicos raciais, lingüísticos, religiosos e nacionais.

Hall (2006. p. 76) argumenta que:

As identidades nacionais, como vimos, representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares. Elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particularista de vínculo de pertencimento.

Percebemos com isso, que algumas dificuldades encontradas pelos professores para trabalhar com essa clientela estão ligadas a esses vínculos.

Para entender melhor essas questões, é importante salientar que existem maneiras diferentes dos indivíduos se apropriarem dos saberes e culturas universais e que essas diferenças devem-se às experiências individuais e ou grupais desses. É a partir desses saberes e cultura acumulados é que partimos para uma cultura universal. Para isso é preciso destacar a trajetória do educando, sua origem social, seu percurso escolar, se houver, religião etc, os quais já foram brevemente citados no capítulo anterior.

O aluno da EJA traz em sua trajetória experiências acumuladas pela idade, advindas de convivências em grupos familiares, comunidades, grupos de trabalho, religiões, escolas e até mesmo de gênero, todos com suas peculiaridades e particularidades.

São geralmente oriundos de cidades das mais variadas regiões do Brasil, basicamente da zona rural, onde trabalhavam como bóias-frias. Por esse e outros motivos, segundo próprio relato desses alunos, eles interromperam os estudos quando criança por falta de escolas nas zonas rurais, por motivo de trabalho e em alguns casos, quando mulher, os pais proibiram.

Para eles o retorno à escola, abre um leque de oportunidades, tanto no aspecto profissional como no pessoal. A priori, um dos motivos desse retorno é o fator profissional, principalmente do sexo masculino. As mulheres também procuram a escola por esse motivo, mas também almejam um crescimento pessoal, que lhes garanta mais qualidade no relacionamento com a família e em seus grupos comunitários.

Segundo Heller (2008, p.39):

A vida cotidiana está carregada de alternativas, de escolhas. Essas escolhas podem ser inteiramente indiferentes do ponto de vista moral (por exemplo, a escolha entre tomar um ônibus cheio ou esperar o próximo); mas também podem estar moralmente motivadas (por exemplo, ceder ou não o lugar a uma mulher de idade). Quanto maior é a importância da moralidade, do compromisso pessoal, da individualidade e do risco (que vão sempre juntos) na decisão acerca de uma alternativa dada, tanto mais facilmente essa decisão eleva-se acima da cotidianidade. Quanto mais intensa é a motivação do homem pela moral, isto é, pelo humano-genérico, tanto mais facilmente sua particularidade se elevará (através da moral) à esfera da genericidade.

Heller (2008, p. 39) afirma ainda que:

Uma das funções da moral é a inibição, o veto. A outra é a transformação, a culturalização das aspirações da particularidade individual. Isso não se refere apenas à vida do indivíduo, mas também à da humanidade.

A moral é o eixo da estrutura da vida cotidiana, pois, ao mesmo tempo em que ela motiva a transformação a culturalização ela também inibi e veta o desenvolvimento humano.

Para Heller (2008. p. 34):

O homem aprende com o grupo os elementos da cotidianidade... mas não ingressa nas fileiras dos adultos, nem as normas assimiladas ganham “valor”, a não ser quando essas comunicam realmente ao indivíduo os valores das integrações maiores, quando o indivíduo, saindo do grupo (por exemplo, da família), é capaz de manter autonomamente no mundo das integrações maiores, de orientar-se em situações que já não possuem a dimensão do grupo humano comunitário, de mover-se no ambiente da sociedade em geral e, além disso, de mover por sua vez esse mesmo ambiente.

Essa integração entre diferentes membros seja em termos de gênero, raça, faixa etária, origem social, traz elementos que contribuem para o crescimento desses indivíduos e somem valores, exercendo assim importante papel no seu desenvolvimento, engajando-os no contexto social onde estão inseridos.

Segundo Ezpeleta e Rockwell (1989. p. 23):

Quando integramos o cotidiano na qualidade de nível analítico da realidade escolar, pensamos em poder abordar de modo geral as formas de existência material da escola e dar relevo ao âmbito preciso em que os sujeitos individuais, engajados na educação, experimentam, reproduzem, conhecem e transformam a realidade escolar.

As autoras (1989, p. 24) ainda afirmam que “a escola, tomada como unidade singular do sistema escolar, é um primeiro nível de integração”.

Na visão das autoras, o sujeito é aquele que é reconstruído pela escola. Essa reconstrução se dará diante de uma metodologia que condiz com a realidade do educando e o contexto social que ele está inserido.

A preocupação dos educadores da EJA, em relação, não só a permanência do educando na sala de aula, mas também com a qualidade do ensino voltada a esse público, vem sendo tema de estudos em algumas universidades.

A falta de um material adequado, direcionado a esse público, faz com que os educadores realizem um trabalho voltado para a realidade desses educandos, tendo em vista a bagagem de conhecimento por eles adquirido no decorrer de suas vidas e suas expectativas em relação à escola.

De acordo com Freire (1997, p. 78),

Como professor, se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, se não me posso permitir a ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso, por outro lado, negar que o meu papel fundamental é contribuir positivamente para

que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador.

Conforme Simões (1978), o educando da EJA, tem muita experiência e gosta de vê-la valorizada. Querer ignorar isto é querer educar adultos como crianças. Assim, rejeitar sua experiência aparecer-lhe-á muitas vezes como sua própria rejeição.

São vários os motivos que levam os educandos a retornarem à escola para ampliar o conhecimento, para convívio social ou para suprir as necessidades econômicas e profissionais. Cabe também a nós educadores, promover a conscientização dos educandos como indivíduos participantes da realidade e, como tal, na transformação dessa mesma realidade.

Encontramos ainda no Dicionário Paulo Freire (2008. p. 350), o conceito de realidade onde ele afirma que:

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade para transformar [...]. Ninguém luta contra forças que não entende, cuja importância não meça, cujas formas e contornos não discirna; [...] Isto é verdade se se refere às forças da natureza [...] isto também é assim nas forças sociais[...]. A realidade não pode ser modificada senão quando o homem descobre que é modificável e que ele o pode fazer. (Freire, 1977, p. 48)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui observadas pautaram-se nas contribuições dos autores, a todos quando se pretendeu situar a diversidade cultural na relação educador x educando, contribuindo assim para uma prática docente voltada para transformação desses sujeitos.

A diversidade está presente hoje, em todos os lugares, pois com a globalização, abriram-se as fronteiras, uniram-se os povos, com os seus diferentes saberes, valores, crenças e costumes, trazendo desafios e conflitos, de grandes proporções.

O que não podemos permitir é que uma cultura se sobreponha à outra, devemos aprender com nossas diferenças, somando experiências e abrindo um leque de conhecimentos, contribuindo para a transformação de um mundo melhor.

O trabalho na sala de aula nos traz a oportunidade de vivenciar essa relação e trabalhar para que ela contribua para o crescimento de todos os envolvidos, na relação com o novo, o diferente.

No Dicionário Paulo Freire (2008. p.279), ele afirma que:

A transformação é entendida como “um ato de criação dos homens” (p. 18) que busca resgatar a visão de totalidade a partir da ação sobre as partes. Transformar “é ser sujeito de sua ação, destino do homem” (p. 38).

BIBLIOGRAFIA

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 21ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 2ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GUSMÃO, Maria José de; MARQUES, A. J. Gomes. **Curso sobre Educação de Adultos: Universidade do Minho: Projeto de Educação de Adultos**. Braga, 1978.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós – modernidade**. 11ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 8ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITIKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.